

Fotografias de nu, objeto de arte ou de fetiche.

BARBOSA, Lenice Pereira* #

Photographie; arte; gênero; culture visual.

INTRODUÇÃO

Por um longo período foi comum dentre as “artes nobres” atribuir a fotografia o pecado original do fato dela recorrer de um referencial necessário do real. Essa teoria a classificava como uma técnica e a desqualificava como possibilidade expressiva. Porém, aos poucos este conceito foi superado, por meio de produções artísticas e literárias que transportaram este objeto *técnico e especular* para dentro das categorias artísticas. Teóricos, fotógrafos-artistas e artistas plásticos vem construindo com a fotografia uma poética de reflexões identitárias e desconstruindo os arquétipos concretos e objetivos outrora atribuídos a ela.

Entre a arte e o erotismo

Artistas contemporâneos como Claudia Andujar, Flor Garduño, Rosangela Renó; e teóricos como Jean Baudrillard, Annateresa fabris; discutem os conceitos de identidade e de identificação explorando a linguagem de retratação da fotografia como uma forma artificial, na qual se insere ou se afugenta as normas sociais. Abrindo um espaço de visualização para as categorias de imagens produzidas e reproduzidas a princípio não só como expressões artísticas, mas também como meio promotor de auto-imagem e da imagem do outro.

Não são somente os fotógrafos profissionais e artistas que na contemporaneidade utilizam-se da fotografia como meio identificador e divulgador da identidade e do corpo. Com a popularização e aprimoramento da técnica dos recursos fotográficos, e sua acessibilidade de uso e consumo, grande parte da população passou a fazer uso da fotografia como forma de expressão, divulgação e registro de suas fantasias particulares, do seu cotidiano.

Este comportamento possibilitou a acessão de uma nova categoria de imagem fotográfica: a fotografias de imagens íntimas e cotidiana. Esta por sua vez

viabilizou e agilizou uma publicidade da intimidade através da reprodução e exposição em espaços públicos. Hoje, a intimidade e o corpo do homem já não é mais tabu. Muito pelo contrário, o corpo ocupa o espaço reservado à vedete do século. E a intimidade, por sua vez a muito já vem sendo divulgada e fazendo parte do centro de interesse e do fetiche voyeur da cultura ocidental.

Nesses casos a imagem captada pela lente não é apenas uma apreensão dos fatos inequívocos do real, E sim a representação de um desejo íntimo de ser percebido e desejado pelo observador, vezes por sua representação outras por sua insinuação. Assim compromete a idéia de testemunho do concreto e permite no ato ou após o registro a supressão da imagem fundamental, enriquecendo do ponto de vista da sensibilidade, a ausência da moral e verdade.

Nesta categoria de imagens a importância não reside no que elas mostram e sim no que elas insinuam. Sendo elas Fotografias fragmentadas, que desejam mostrar frente e verso de corpos desnudos, classificadas por fotografias tidas como; de arte, eróticas, pornográficas que explicitam o íntimo e a intimidade dos que se deixam capturar. Todavia, essa fragmentação é somente o início de um potencial inesgotável da fotografia, que com seu poder de pluralidade proporciona visões profanas do cotidiano, revelando ao mundo a cultura do *especular*, desnudando o Olhar e o Olhado.

A relação íntima com a fotografia não parece ser uma peculiaridade do século XX ou XXI, pois desde tão logo que a técnica de registro e fixação da imagem foi publicamente divulgada (1839), alguns ousados “curiosos” começaram a utilizar-se da técnica para registro de imagens “libidinosas” e eróticas, essas fotos eram guardadas e apresentadas apenas a um seleto grupo de amigos voyeur que faziam parte de um submundo quase que secreto. Afinal, até o início do século XX predominava na cultura ocidental uma censura em relação a “pornografia”.

A partir da segunda metade do século XX o comportamento do homem ocidental sofreu transformações acentuadas, dentre elas a “quebra” de alguns pudores em publicar as fantasias do inconsciente. A fotografia de nu e a pornografia passaram a ser objeto central de diversos editoriais, a povoar o

cotidiano do homem e das produções artísticas.

A pornografia e a representação do corpo feminino nu têm histórias bastante peculiares. Por muito tempo, mas provavelmente desde o renascimento intelectual na Europa por volta do século XVI ressurgiam na atmosfera europeia escritos que desafiavam a boa e castra moral cristã.

Até o século XIX as gravuras eram bastante exploradas nas produções visuais das imagens pornográficas. Mas com aprimoramento da técnica fotográfica, elas começaram a perder força e ceder espaço a representação visual apreendida pela caixa preta. Esta por sua vez, povoou e se multiplicou com extraordinária velocidade. Tornou-se num lucrativo mercado pornográfico no século XX, proporcionou a exploração de novas linguagens, Filmes e vídeos, e suscitou popularização do desejo e o prazer de notar e ser notado.

Conclusão

Se a fotografia nasceu para apenas retratar o real, neste caso o homem reformulou suas atribuições; fazendo dela um objeto de expressão de tudo que o cerca e da sua própria identidade. Ultrapassou a barreira do domínio físico-químico da técnica para explorar a linguagem que vai além do simples registro. Apropriou-se da invenção para ampliar seu acervo sensível, mudando e desnudando seus desejos sexuais, outrora embutidos em uma ritualidade particularizada.

BIBLIOGRAFIA.

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Lisboa. Moraes, 1980.
- BAUDRILLARD, Jean. **A arte da desapareição**. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro, 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia. “De Paris a Miami, passando por Nova York” in: **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003, p.133-152.
- DONTTI-ORSINI, Mireille. **A mulher que eles chamavam fatal**. Rio de Janeiro. Rocco, 1996.
- DUARTE, JR. J. F. “O sentido de nossa crise – modernidade”. In: **O sentido dos sentidos: a educação do sensível**. Curitiba. Criar Edições, 2001.
- FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais**. Belo Horizonte. UFMG, 2004.
- HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a poética do banal**. São Paulo. Imprensa Oficial, 1998.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**. São Paulo. Hedra, 1999.
GLDENBERG. Mirian (org). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro. Record, 2001.
KOETZLE, Michael. **1000 nudes**. Paris. Taschen,2001.
MARCUSE, Herbert. “*La transformation de la sexualité en Eros*”. In: **Eros et civilisation**. Évreux. Points, Les édition de minuit, 1973.
MORAES, Eliane Robert. Sandra Maria Lapeiz. **O que é pornoggrafia**. São Paulo.
NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2000. _____ **vontade de Potencia**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2002.
Brasiliense, 1984.
PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo. UNESP, 1998.
SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**. Campinas. A.Ass, 2001.
SONTAG,Susam. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
VATTIMO, Giovanni. **O fim da modernidade**. São Paulo. Martins Fontes, 2002

*Faculdade de Artes Visais - Mestranda em Cultura Visual
Halicya2001@yahpp.com.br.